

Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92¹

Luís F. de Oliveira FONTES²

Resumo:

Publicam-se os resultados das escavações arqueológicas de emergência efectuadas na igreja paroquial de S. Martinho de Dume (Braga), entre 1989 e 1992. A intervenção permitiu confirmar a existência de um primitivo templo do período suevo-visigótico, sujeito em época altomedieval a ampla reconstrução e ampliação, mas mantendo o mesmo modelo planimétrico. Uma nova igreja viria a ser construída nos séculos XVII-XVIII, no mesmo lugar, mas rompendo com o modelo planimétrico anterior. Destaca-se ainda a identificação de parte da necrópole altomedieval, contígua ao templo soterrado. O conjunto destes vestígios reveste grande importância para o conhecimento da arquitectura cristã antiga no NO português testemunhando, pelo menos para a região de Braga, uma penetração precoce de modelos arquitectónicos de origem oriental que se difundiram pela Europa Ocidental entre os séculos VI e VIII.

Abstract:

This paper offers the results of the rescue excavations done in São Martinho de Dume Church (Braga), between 1989/92. It was possible to confirm the existence of an original suevic-visigothic temple deeply reconstructed and enlarged during the High Middle Ages, although it conserved the same planimetric model. A new church was built during XVII-XVIII in the same place breaking with an original plan. Part of an High Medieval cemetery close to the temple was also discovered. All the remains identified seem very important to our knowledge of the ancient Christian architecture of NO Portugal, showing, at least, for the Braga region, an early penetration of oriental architectonic models, which spread all over Western Europe between VI and VIII centuries.

Palavras chave:

Escavações; Arquitectura; Período suevo-visigótico; S. Martinho de Dume.

Key words:

Excavations; Architecture; Suevic-visigothic period; S. Martinho de Dume.

1. INTRODUÇÃO

Em 1987 noticiámos os primeiros resultados das escavações arqueológicas de emergência efectuadas junto à igreja paroquial de Dume (FONTES 1987). Desde então têm-se sucedido, com maior ou menor ritmo, os trabalhos de escavação, primeiro concluindo a intervenção na igreja, possibilitando a conclusão das obras de restauro e ampliação do templo, tendo-se garantido a preservação dos vestígios com a colocação do pavimento interior da igreja cerca de 1,80 metros acima das ruínas; mais recentemente realizando-se escavações arqueológicas nos terrenos a Sul

¹ Desenhos de Alfredo Barbosa, Ana Fontes, Eurico Machado e Quenor Rocha.

² Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Av. Central, 39, 4710 Braga.

do cemitério, para onde se pretendia fazer a sua ampliação e onde se veio a descobrir um edifício balnear romano³.

Torna-se agora possível divulgar os resultados das campanhas realizadas em 1989-90 e 1991-92⁴, cujos trabalhos de escavação se estenderam à totalidade da igreja paroquial e parte do adro, conseguindo-se assim apreender as plantas globais dos edifícios de culto soterrados. Por essa razão optamos por apresentar os dados das duas campanhas em conjunto e não separadamente, já que respeitam basicamente ao mesmo monumento.

Neste texto dispensar-nos-emos de referir aspectos como contexto geográfico, contexto histórico-arqueológico e metodologias, pois esses aspectos já foram considerados em vários textos publicados sobre os resultados das escavações, para onde remetemos o leitor (FONTES 1987, 1990 e 1992). De igual modo seguiremos esses primeiros artigos ao adoptarmos como elemento ordenador na descrição das estruturas, estratigrafia e espólio, que faremos de forma integrada, as 6 fases de construção/ocupação estabelecidas para o Sector A, refinando a sua análise e corrigindo a sua interpretação, quando necessário.

2. OS DADOS DAS ESCAVAÇÕES: ESTRUTURAS, ESTRATIGRAFIA E ESPÓLIO

Seguiu-se o sistema de referências estabelecido em 1987, escavando-se 18 cortes (Est. I), 12 no interior da igreja e 6 no exterior, num total de 162 m², a que correspondeu um volume de terras removidas de aproximadamente 200 m³. Os cortes foram escavados alternadamente (em “xadrez”), fazendo-se a decapagem dos sedimentos por camadas naturais. A escavação foi feita em extensão ao nível da edificação da Fase III (altomedieval) e depois até ao solo natural em pontos seleccionados tendo em vista completar leituras estratigráficas verticais e compreender vestígios com particular dificuldade de interpretação. Em tudo o resto foram seguidos os procedimentos fixados em 1987⁵.

³ Os resultados das escavações serão publicados proximamente. Podemos desde já referir que se trata do edifício balnear que servia a *villa* romana da qual se detectaram vestígios na campanha de 1987, sob a capela de Nossa Senhora do Rosário. Determinou-se o traçado completo do edifício, fundado no período baixo-imperial e com reocupação parcial na Alta Idade Média, embora já transformado em habitação.

⁴ A campanha de 1989-90 decorreu entre Março de 1989 e Março de 1990, com financiamento do ex-Instituto Português do Património Cultural. Os trabalhos foram realizados pela seguinte equipa: escavação - António M.L.O. Martins, Fernando F.G. Oliveira, José A.A.P. Gomes e Domingos J.R. Costa; desenho de campo - Amélia M.S. Marques, Ana M.P.F. Fontes e José A.L. Barbosa.

A campanha de 1991-92 decorreu entre 15 de Dezembro de 1991 e 31 de Maio de 1992, com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian. Os trabalhos foram realizados pela seguinte equipa: escavação - Eurico N.M. Machado, Francisco A. Gomes, Arnaldo Gomes, José C. Dias e José M.P. Loureiro; desenho de campo - Ana M.P.F. Fontes, José A.L. Barbosa e José M.F. Leite.

Registe-se ainda a colaboração das seguintes entidades/instituições: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Câmara Municipal de Braga, Instituto da Juventude - Braga (programa OTJ), Junta de Freguesia e Paróquia de Dume.

⁵ A documentação produzida encontra-se arquivada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Av. Central, 39, P - 4710 BRAGA. O espólio recolhido, por razões de espaço, encontra-se depositado no Salão Paroquial de Dume, na Unidade de Arqueologia, no Museu de S. Martinho de Tibães e no Museu D. Diogo de Sousa.

Como complemento à descrição recomendamos a observação da planta geral dos vestígios detectados (Est. II-1) e dos perfis com as leituras estratigráficas principais (Est. II-2).

2.1. FASE I (ROMANO)

No corte A51 e A53 apareceram vestígios da Estrutura 10, confirmando o prolongamento da *villa* romana para NO. Aqui foi possível refinar a análise do enchimento estratigráfico, verificando-se que a camada que ocupa a vala tem características de deposição natural, apresentando-se o sedimento bastante “lavado”, mas homogéneo. O raro espólio cerâmico que forneceu inclui um fragmento de sigillata hispânica, datável dos séculos I-II d.C. Confirmada a origem romana da estrutura, julgamos dever alterar a interpretação inicialmente apontada — não se tratará da vala de fundação de um muro, mas mais provavelmente de um rego (*vallum?*) para irrigação ou simplesmente para delimitação de uma área periférica das construções da *villa*.

Também a este período se deve reportar o fragmento de mosaico recolhido no corte A50, onde integrava uma sepultura (Estrutura 12c). Apresenta *tesserae* policromas (cores preta, branca e castanha-rosada), desenhando formas geométricas (Est. III-1). São de forma cúbica irregular com 0,5 a 0,8 centímetros de lado, assentes num nucleus de argamassa fina alaranjada com cerca de 1,5 centímetros de espessura média, que recobre uma camada de *opus signinum* com cerca de 7,5 centímetros de altura, por sua vez assente num tijolão quadrado com 60 centímetros de lado e uma espessura de 7,5 centímetros. Com uma espessura total de 16 centímetros, o fragmento corresponde, em nossa opinião, a parte de um pavimento suspenso de uma edificação romana (Est. III-2). Tal como os três fragmentos de mosaico identificados em 1987 junto à abside Sul, também este foi desmontado e reaproveitado, neste caso na necrópole altomedieval⁶. Aceitando as propostas cronológicas dos estudiosos da decoração em mosaico, estes vestígios de Dume datarão dos séculos III-IV (ACUÑA CASTROVIEJO 1974; OLEIRO 1986).

2.2. FASE II (SUEVO-VISIGÓTICO)

É definida pelas Estruturas 1, 1a, b, c, d, e camadas associadas (Est. II-b e c). Os vestígios distribuem-se pelos cortes A38 a A43 e A51 a A58, abrangendo e permitindo identificar as zonas da fachada principal, da nave, da quadra central e da cabeceira, conseguindo reconstituir-se quase integralmente o traçado da primitiva igreja de Dume, construção datável documentalmente da primeira metade do século VI.

Começamos a descrição pelo que seria a fachada principal do templo, virada a Oeste. No corte A51 detectaram-se vestígios de alicerces correspondentes à zona do cunhal SO. Da parede Sul identificou-se bem a vala de fundação rasgada na arena de alteração granítica, exactamente no alinhamento dos vestígios detectados no corte A53 sob o alicerce da actual fachada. Na área escavada não se conservou qualquer resto da alvenaria, confirmando-se a desmontagem da

⁶ O mosaico foi consolidado e limpo por técnicos do Museu D. Diogo de Sousa.

parede para saque de pedra. A técnica construtiva seria, contudo, semelhante à da parede da fachada Oeste, que se conservou por se ter mantido como fachada da igreja, na remodelação posterior (ver Fase III). O troço colocado a descoberto apresenta um aparelho cuidado composto por blocos paralelepípedicos de granito, dispostos em fiadas regularmente horizontais, unidos com argamassa. Alguns silhares dispõem-se transversalmente conferindo maior solidez à parede, que assenta num alicerce mais largo, tipo sapata, formado por grandes silhares graníticos, muitos deles “almofadados”, denunciando um eventual reaproveitamento de construções romanas anteriores. Exteriormente, esta parede é reforçada por pilastras — Estruturas 1d — bem travadas na alvenaria, tipo “gigantes” (também poderá tratar-se de embasamentos para colunas adossadas), que posteriormente viriam a ser reforçadas (ver Fase III).

Na parte correspondente à nave do antigo templo, cortes A38, A39, e A51 a A55, encontraram-se vestígios do nível de circulação (pavimento térreo?), materializado por uma camada de argamassa amarelada, matriz saibrosa, muito consistente (superfície escurecida, muito dura), com uma espessura média de cerca de 0,10 metros e desenvolvendo-se horizontalmente de modo regular, que em A51 sela a vala de fundação da parede e se sobrepõe a sedimentos anteriores. É por sua vez sobreposta por uma camada de terra cinzenta/negra, homogénea, provavelmente correspondente a um momento de abandono, sobre a qual viria a assentar o pavimento argamassado tipo “opus” da remodelação altomedieval (Est. II-b e c).

A zona da quadra central da igreja é abrangida pelos cortes A40, A41, A56 e A57. Aí encontraram-se vestígios de embasamentos de colunas (Estruturas 1b), definidos por recortes circulares na arena granítica localizados nos quatro ângulos da quadra, e vestígios do nível de circulação já referido acima. Um outro conjunto de oito recortes no saibro, associados aos vestígios dos pilares laterais, corresponderão a outros tantos embasamentos de colunas e marcam a passagem da quadra central à nave, formando uma espécie de iconostasis de triplo vão — em arco, considerando as aduelas que se recolheram nos cortes contíguos e que apresentam um diâmetro de 0,90 m., coincidente com a abertura dos vãos⁷.

Na parte correspondente à capela-mor do primitivo templo escavaram-se os cortes A42, A43, A57 e A58. No extremo Este identificou-se um pequeno troço de alicerce de parede, formado por uma fiada de silhares almofadados assentes na arena granítica através de uma vala de fundação pouco profunda. Com este resto de alicerce, ou no seu enfiamento, associam-se três recortes/buracos circulares abertos na arena granítica, que interpretamos como fundações para embasamentos de colunas (Estruturas 1a). Em conjunto com idênticos vestígios detectados na abside Sul, estes embasamentos permitem definir a existência de uma teoria de colunas desenvolvendo-se pelo interior das absides, junto às paredes (Est. IV). Ainda no interior da capela-mor, refiram-se os vestígios de um muro (Estrutura 1c) axialmente centrado que, arrancando do topo nascente em direcção à quadra central, divide o espaço em duas metades. Apresenta um aparelho regular e horizontal de blocos de granito (face exterior rectangular, com cerca de 0,25 m de comprimento médio), unidos com argamassa alaranjada consistente. No lado nascente encosta à parede através de dois grandes blocos cúbicos (0,50 m, de lado). Para poente a sua

⁷ Considerando as aduelas que se recolheram nos cortes contíguos, que apresentam um diâmetro de 0,90 m, coincidente com a abertura dos vãos, estes fechariam superiormente em arco.

ligação perdeu-se com a destruição provocada pela construção de um murete ligando as base do arco triunfal da igreja setecentista.

A passagem da capela-mor à quadra central está identificada pelos vestígios dos alicerces das pilastras do arco triunfal original, com um vão de 2,75 m, a que se associam os embasamentos para colunas que aparecem imediatamente a Oeste, enquadrados pela junção das paredes das absides laterais, de que se conservaram os arranques. Esta passagem de um espaço a outro, com um desnível de cerca de 0,50 m. vencido através de degraus (aliás confirmados pelos vestígios do pavimento da Fase III neste local), era provavelmente acentuado pela colocação de um cancel (FONTES 1992: 235) (Est. V).

Este conjunto de vestígios construtivos confirmaram que o edifício se desenvolve em planta em forma de cruz latina orientada E-O, com cabeceira trilobada e uma só nave⁸. As diversas zonas escavadas permitiram reconstituir a totalidade do seu traçado, evidenciando-se bem a grandeza e monumentalidade do edifício (37 metros de comprimento por 20 metros de largura, com cerca de 8 metros na nave). A dimensão do edifício, a estruturação do seu espaço interior e a ausência de qualquer vestígio associável a enterramentos no interior parecem de facto corresponder a um templo de função basilical, quiçá para uso régio, mas não funerária ou martirial. Com S. Martinho de Dume terá adquirido estatuto de sede episcopal e simultaneamente de basílica monástica.

Nas camadas associadas a esta fase recolheu-se algum espólio cerâmico que poderá fornecer dados importantes para o conhecimento das produções desta época, pois embora bastante fragmentado e em pouca quantidade é possível relacioná-lo estratigraficamente com espólio recolhido noutros sectores desta estação⁹. Refira-se ainda a recolha de dezenas de *tesserae* tipo "ravennate" que comporiam mosaicos policromáticos.

Aos primeiros tempos deste período (finais do século V — princípios do século VI), deve-se reportar igualmente a parte de uma tampa de sepultura com mosaico, recolhida no corte A67, onde integrava um grupo de sepulturas na qual foi reutilizada como parede lateral da caixa tumular (ver Fase III — Estruturas 12d1, 2, 3)¹⁰. É constituída por uma única laje granítica de forma rectangular (ligeiramente trapezoidal) com as seguintes dimensões: 2,10 x 0,50 x 0,16 metros (o comprimento e a largura não são os originais pois a tampa está fracturada, estimando-se que teria mais 0,10 e 0,20 metros respectivamente). As faces inferior e laterais são toscamente afeixoadas, embora regulares, conhecendo a face superior um tratamento mais cuidado, apresentando uma superfície praticamente lisa que se desenvolve em bordadura cercado um painel

⁸ Esta é a leitura planimétrica proporcionada pelos vestígios arqueológicos. As diferenças técnico-construtivas patenteadas pelo monumento não correspondem a edifícios distintos ou com acrescentos posteriores — não há disso qualquer indício arqueográfico, verificando-se o contrário. Traduzem, sobretudo, a adequação das exigências de engenharia às soluções arquitectónicas: cabeceira em forma trilobada com pé-direito alto — parede espessa dispensando contrafortagem; nave mais baixa que a cabeceira, de forma rectangular — accita parede mais estreita, travada de um lado pela própria cabeceira, embora exija alguma contrafortagem lateral.

⁹ Uma primeira abordagem do espólio cerâmico de Dume foi recentemente apresentada ao "VI Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée", realizada em Aix-en-Provence em Novembro de 1995 (FONTES & GASPÀR 1995).

¹⁰ Devido ao seu elevado peso e grande dimensão foi provisoriamente depositada no Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, onde foi sujeita a limpeza e consolidação por técnicos do Museu D. Diogo de Sousa.

rebaixado, completamente preenchido com argamassa no qual se conservam vestígios de mosaico. Este painel é rectangular, ocupando cerca de 3/4 da área da tampa. No outro 1/4 a laje apresenta-se repicada, denunciando uma alteração posterior da superfície, provavelmente o apagamento de uma inscrição funerária (Est. VI-1 e 2).

Referimos por último alguns elementos arquitectónico-decorativos encontrados dispersos nos entulhos que recobriam as ruínas, e que pela sua tipologia formal e gramática estilística poderão atribuir-se a este período¹¹, isto é, fariam parte da decoração da primitiva igreja: bases de colunas, fragmentos de fustes, aduelas de arcos e impostas (uma decorada com motivos “em espinha” e roseta), de granito, e placas de calcário e mármore (em que se destaca um fragmento com vestígios de epígrafe e um fragmento de grelha de gelosia) (Est. VII).

2.3. FASE III (ALTO-MEDIEVAL)

A esta fase correspondem os vestígios mais significativos em dimensão, estado de conservação e definição funcional de espaços no edifício religioso¹² e adro fronteiro. De facto, para além do pavimento e alicerces das paredes correspondentes às diversas partes do templo (troços da capela-mor, da nave e pilares da quadra central — Estrutura 2), identificaram-se estruturas interiores complementares (embasamentos de altares e fossa de fundição — Estruturas 2e, f, g, h, i), e parte da necrópole altomedieval na zona contígua à fachada principal da antiga igreja (Estruturas 12a, ..., f5) (Est. II).

O pavimento de argamassa tipo “*opus signinum*” estende-se por todo o interior da igreja, conservando-se em muito bom estado e perfeitamente ligado às paredes coevas numa área superior a 85 m². A boa conservação deve-se em parte à elaborada técnica construtiva que revela a sua composição: primeiro uma camada de argamassa de coloração alaranjada, matriz areno-argilosa média, consistência mediana, a fazer de enchimento para assentamento do lastro que se lhe sobrepõe e que é a segunda camada, formada por calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo e telha, imbricados, distribuindo-se horizontalmente de forma regular. Este lastro grosseiro suporta a camada de argamassa correspondente à pavimentação propriamente dita da igreja, composta por fragmentos de tijolo triturado, cascalho miúdo, areia e cal, formando uma espécie de betão muito resistente, tipo *opus signinum* grosseiro. Apresenta-se destruído nas bandas Norte, Sul e Central da capela-mor, devido à implantação dos alicerces dos século XVII-XVIII e a enterramentos modernos, e na zona da nave da actual igreja, a intervalos regulares, devido às valas transversais abertas para implantação dos pilares de suporte das guias do pavimento. Os

¹¹ Do ponto de vista técnico-estilístico, estes elementos de decoração arquitectónica têm paralelos em produções semelhantes identificadas em tempos e espaços tão diversos como as romano-visigóticas do Sul peninsular ou as dos reinos cristãos de influência asturiana. Isto significa que, em rigor, também podem ter pertencido à edificação da Fase III. A este propósito ver ALARCÃO 1986, ALMEIDA 1962, ALMEIDA 1986, BARROCA 1990, CRUZ VILLALÓN 1987 e LORENZO ARIAS 1993.

¹² Trata-se da igreja correspondente à reconstrução e ampliação do primitivo templo. O seu traçado foi determinado pelo anterior, apresentando igualmente uma planta em cruz orientada E/O, com cabeceira de três absides e nave rectangular (FONTES 1987:125; 1992:237).

alicerces da nave do século XVIII rasgaram também o pavimento antigo, mas de modo irregular, havendo zonas em que este se conservou sob as fundações. Foi ainda destruído nas zonas afectadas pela demolição das paredes e respectivas valas de saque de pedra.

Na zona próxima da fachada poente o pavimento apresenta-se relativamente bem conservado sob uma homogénea camada de abandono/demolição, com abundância de carvões e cinzas envolvendo bastantes fragmentos de telhas tipo *tegulae* e imbrice, que tanto poderão corresponder a elementos de alvenaria (paredes laterais ou abatimento da superestrutura de cobertura), como a entulhos de revolvimentos associáveis a demolições. O facto da parede da fachada ter sido desmontada até ao nível da pavimentação e nalguns troços ainda mais abaixo, impossibilitou a identificação de qualquer entrada ou porta nesta parede, embora se admita que deveria ter existido.

No pavimento da capela-mor patenteiam-se, numa relação cronológico-funcional diversa mas estratigraficamente evidente, diversas estruturas relacionadas com a organização litúrgica do espaço:

Estrutura 2e – três colunas de granito com 25 centímetros de diâmetro, incrustadas no pavimento e assentes na mesma preparação, portanto de construção contemporânea. Seriam quatro, como facilmente se reconstitui pela localização das três encontradas. Viriam posteriormente a ser partidas rente à superfície do pavimento, então rematado com argamassa de tijolo moído para uniformizar novamente a superfície esboroada (Est. IX-1). Pela sua localização no topo da capela-mor, axialmente centradas e distantes da parede cerca de 0,70 m, estas colunas parecem marcar o lugar mais sagrado do templo, formando uma espécie de cibório sob o qual se abrigaria o tabernáculo ou sacrário.

Estrutura 2f – corresponde aos vestígios de um encaixe rebaixado no pavimento, rebocado com estuque granuloso. O recorte é liso, evidenciando um acabamento só possível se feito em simultâneo com o pavimento. Desenha uma forma rectangular, com 0,75 x 1,00 metros, sendo esta última medida calculada e correspondente ao eixo maior, orientado N-S. Apresentando uma destruição superior a 80%, provocada por um enterramento moderno, localiza-se ao centro da capela-mor, no enfiamento da Estrutura 2e (Est. IX-2). Aqui se localizaria o altar, talvez uma mesa monolítica, tipo cipo, encaixada no pavimento.

Estrutura 2g – designamos assim três buracos circulares abertos no pavimento e localizados nos ângulos da estrutura 2f, ligeiramente deslocados para oriente (Est. IX-2). A sua abertura foi feita em época posterior, como mostram as características dos rasgos (pavimento partido, com arestas vivas) e confirma o achado de uma moeda dos inícios do século XV¹³ recolhida no interior do buraco SE, distinto dos outros por apresentar um fragmento de tubo cerâmico a enformar interiormente a cavidade. O buraco do ângulo NO foi destruído por um enterramento moderno. Desconhecemos a função destes buracos, que parecem estar, pela sua disposição em torno da estrutura 2f, relacionados com o arranjo do altar.

¹³ 1/4 de real, em bolhão, de D. João I (1409-1415). Numisma F.VAZ.J1.54/AR.29 (VAZ & SALGADO 1987: 103).

O conjunto das estruturas acima descritas testemunha uma clara remodelação da organização espacial da capela-mor, sobretudo em torno dos altares, que não deve ter sido alheia ao processo de remoção do túmulo e trasladação dos pretensos restos ósseos do bispo de Braga e Dume, S. Martinho, iniciado pelo arcebispo bracarense D. Manuel de Sousa e concluído em 5 de Janeiro de 1591 pelo arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus (FERREIRA 1928; SILVA 1919).

Na passagem da capela-mor para a quadra central identificaram-se vestígios de um degrau e dos embasamentos dos apoios do arco triunfal. O degrau é feito pelo próprio pavimento, que vence aqui um desnível de cerca de 0,50 m (entre a superfície do pavimento da capela-mor e a da quadra central e nave — haveria portanto mais de um degrau, talvez dois, embora do segundo não se tenham encontrado quaisquer vestígios). Os alicerces do arco assentam sobre as fundações do arco triunfal da Fase II, formando uma sapata mais larga e delimitando um vão também maior (cerca de 3,5 m). Toda esta zona se apresenta profundamente perturbada, devido à construção de um muro de reforço ligando as bases do actual arco triunfal e no qual se reutilizaram elementos arquitectónicos das anteriores edificações.

Formando com as absides laterais um amplo transepto, a quadra central aparece delimitada a Oeste pelos pilares que marcam a passagem à nave. O pavimento estende-se irregularmente por toda esta área, integrando no canto NO um recorte circular sem pavimentação, pouco profundo e com bordos irregulares indiciadores de remeximento (Estrutura 2h), que parece associado aos vestígios do que aparenta ser um troço de caleira, formada por paredes de lajes graníticas sobre fundo de tijolões. Este conjunto de vestígios é de difícil interpretação pelo que, sem outros dados, a possibilidade de se tratar de infraestruturas de uma pia baptismal não deixará de ser uma mera hipótese interpretativa¹⁴. Na passagem à nave conservaram-se os pilares do templo original (Fase II), mas agora delimitando um vão com cerca de 4,5 m pois eliminaram-se os pares de colunas que anteriormente formavam uma barreira tipo iconostasis (Est. II-b).

Na parte da nave, onde se conservaram amplas áreas pavimentadas em bom estado de conservação, o destaque vai para a Estrutura 2i, localizada junto à passagem para a quadra central e axialmente centrada (Est. X). Trata-se de uma cova, tipo caixa sepulcral, integrada no pavimento, com paredes de alvenaria de blocos graníticos e fragmentos de tijolo (ou tégula), rebocadas com barro grosseiramente colocado, notando-se mesmo as marcas da passagem de dedos. A superfície do reboco apresenta-se muito calcinada. Com cerca de 1,25 m de comprimento e 0,80 m de largura, desenvolve-se até uma profundidade média de 0,80 m, recortando ligeiramente a arena granítica. A parede foi montada com inclinação para o interior (curvatura convexa), apresentando uma ligeira elevação acima da superfície do pavimento, conforme se constatou pelas duas pedras que se conservaram da fiada superior. O fundo da estrutura é formado por um leito pouco espesso de barro misturado com saibro, de coloração vermelha e abundantes manchas de calcinação. Sobre este leito, praticamente encostado ao topo Este, conservou-se um anel de argila, semi-cozida pelo fogo, com rebordo exterior. Do lado poente deste anel arranca um estreito canal aberto no saibro, que desemboca numa pequena cavidade circular, também aberta no saibro e rebaixada em relação ao fundo da estrutura. Interpretamos estes

¹⁴ Nas publicações anteriores em que referimos estas estruturas (FONTES 1990 e 1992), o carácter hipotético da interpretação não foi explicitado. Entendemos que era importante sublinhar esse aspecto agora neste texto.

vestígios como correspondendo a uma fossa de modelagem e fundição de sinos, da qual se conservou a cova, a rodela de apoio do molde e o canal de escoamento do metal fundido excedente (bronze). Notar que aqui se recolheram abundantes fragmentos de escória e do molde com incrustações de metal¹⁵.

Para concluir a descrição dos vestígios correspondentes ao edifício da igreja, refira-se a identificação de outra entrada, aberta no lado O da abside Norte (corte A25). Aí se conservaram restos da soleira e de um cunhal, compostos por grandes silhares de granito bem afeiçãoados. Neste corte observaram-se ainda vestígios do que aparenta ser uma outra estrutura de fundição (muitos fragmentos de escórias e marcas de intensa actividade de combustão). A construção do campanário provocou amplos revolvimentos nesta área, impedindo uma leitura mais clarificadora dos vestígios.

Uma novidade importante relativamente à estação arqueológica de Dume foi, porém, a descoberta de 12 sepulturas, estratigraficamente posicionadas em perfeita relação com a Estrutura 2 e portanto integráveis nesta Fase III. Escavaram-se integralmente 4, parcialmente 5 e deixaram-se intactas 3 — respectivamente Estruturas 12d1, 2, 3, 12e; 12f1, 2, 3, 4, 5; e 12a, 12b, 12c (Est. XI).

Apresentando como características comuns serem todas de tipo caixa com forma rectangular implantadas na arena de alteração granítica e terem cobertura compósita, distinguem-se contudo pelo modo de construção, designadamente pela utilização de materiais diferentes (Est. XI).

Assim, e considerando apenas as sepulturas atribuíveis a esta fase, individualizam-se três grupos:

GRUPO 1 – Estruturas 12d1, 2 e 3, correspondentes a 3 sepulturas idênticas que formam um conjunto homogêneo, não podendo ser consideradas separadamente pelo facto de alguns elementos constitutivos das caixas serem comuns. Trata-se de uma grande caixa quadrangular, de que se conservaram três paredes: as duas laterais (Norte e Sul) formadas por quatro lajes graníticas reaproveitadas de guarnições de portas e a dos pés (Este) formada por uma única laje granítica que se verificou ser uma tampa sepulcral com restos de mosaico (ver Fase II). A parede da cabeceira (Oeste) já não existia, devendo ter sido removida em resultado dos profundos revolvimentos que aqui se efectuaram em época moderna. Assentam na arena de alteração granítica, que foi escavada para o efeito. As dimensões máximas da vala de fundação e do exterior da caixa são as seguintes: 2,40 x 2,40 e 2,20 x 2,20 metros, respectivamente (Est. XII).

Duas grandes lajes graníticas também reaproveitadas de guarnições de portas dispõem-se interiormente a igual distância no sentido E-O, dividindo a caixa quadrangular em três caixas rectangulares, correspondentes às sepulturas, com medidas interiores semelhantes: 1,90 x 0,45 x 0,35 metros. O fundo de cada uma delas é formado por três *tegulae* inteiras com o rebordo partido e mais um ou dois fragmentos de *tegulae* para completar o comprimento da caixa. Cada

¹⁵ Tanto quanto julgamos saber, foi a primeira fossa de modelagem e fundição de sinos altomedieval identificada em território nacional. Uma outra parece ter sido reconhecida em recentes escavações arqueológicas efectuadas na primitiva igreja de S. João do Campo (Covide - Terras de Bouro), em iniciativa conjunta Parque Nacional / Unidade de Arqueologia. A semelhança da estrutura de Dume com a descoberta na catedral de Rouen é notória. Também aí foi interpretada como correspondendo a fossa de modelagem e fundição de sinos, sendo datada do século X (LE MAHO 1990).

tégula mede 0,56 x 0,40 x 0,025 metros. As da cabeceira não estão em posição horizontal mas sim ligeiramente inclinadas, sobreelevando assim a cabeça do indivíduo enterrado.

A sepultura 12d1 não apresentava quaisquer indícios de violação interior, conservando marcas de restos osteológicos de um indivíduo — partes da calote craniana, braços, fêmures, tíbias e falanges dos pés, já de consistência pastosa, de recolha impraticável. Estava completamente preenchida com terra que se infiltrou pelos intervalos da cobertura, não contendo qualquer espólio. A tégula do lado dos pés ostentava uma marca que se aproxima da representação do “ómega” e a tégula central uma outra semelhante a um “w”. A cobertura era formada por um tijolo e três lajes graníticas, duas pequenas e outra bastante maior, tipo tampa monolítica.

A sepultura 12d2 estava também intacta e cheia de terra de escorrimentos, não tinha quaisquer vestígios de restos osteológicos ou espólio, e apenas a tégula do lado dos pés apresentava uma “decoração”, formada por um sulco serpentiforme a todo o seu comprimento. A cobertura, ligeiramente deslocada no lado Oeste, era formada por três lajes graníticas reaproveitadas de guarnições de portas, uma grande cobrindo metade da caixa e as outras duas outra metade.

A sepultura 12d3 apresentava uma perturbação do enchimento da zona da cabeceira até cerca de 25 centímetros de profundidade. Para além desta ligeira violação, revelou as mesmas características da anterior, não tendo qualquer marca ou decoração nas *tegulae*. Conservava apenas metade da cobertura, do lado Este, formada por uma laje granítica reaproveitada de uma guarnição de porta.

GRUPO 2 – Trata-se apenas de uma sepultura, correspondente à Estrutura 12c (Est. XII). É também em caixa, de forma rectangular, implantada na arena de alteração granítica e com cobertura compósita. Difere das dos outros grupos pelo facto das paredes da caixa serem feitas exclusivamente com tijolos, montados em fiadas horizontais regulares. A arena de alteração granítica constituía o fundo da sepultura, apresentando uma superfície horizontal, perfeitamente afeiçãoada. Interiormente mede 2,00 (estimação) x 0,50 x 0,50 metros. Exteriormente, com incidência entre face exterior da parede e vala de fundação, mede 2,40 x 1,00 metros.

Conservava a metade Este da cobertura, formada por tijolos e três lajes graníticas, sendo uma delas uma aduela de arco reaproveitada. A ausência de cobertura na metade Oeste denunciava a existência de violação, que se confirmou ter revolido o enchimento interior até cerca de 30 centímetros de profundidade. Na metade escavada não se identificou qualquer resto osteológico nem se recolheu espólio.

GRUPO 3 – Conjunto de sepulturas (Estruturas 12f1 a 5) dispostas paralelamente em banda contínua, com paredes divisórias meirais em alvenaria de blocos paralelepípedicos de granito e fragmentos de tijolo ligados com argamassa. As paredes das cabeceiras das sepulturas 12d1 a 3 e 12e serviam como paredes dos pés às sepulturas deste grupo, evidenciando uma contemporaneidade de construção bastante clara. A arena de alteração granítica constituía o leito das sepulturas, nela se implantando igualmente as paredes que formavam as respectivas caixas.

Encontravam-se profundamente destruídas, sem coberturas, apresentando-se os enchimentos interiores completamente misturados com os entulhos resultantes da violação. Identificaram-se alguns restos osteológicos apenas na sepultura correspondente à Estrutura 12f1, não fornecendo o conjunto qualquer outro espólio.

Relativamente às sepulturas não escavadas, Estruturas 12a, b, c, não é possível determinar com rigor se constituiriam um grupo distinto ou se poderiam integrar-se nalgum dos grupos anteriormente definidos. Apenas ficaram visíveis as coberturas, revelando características similares — lajes de granito de várias dimensões, tijolos e até uma laje de ardósia, reaproveitando igualmente elementos de construções anteriores, como é o caso do tijolão com mosaico da Estrutura 12c (ver Fase I) (Est. XI-1).

A ausência de qualquer espólio no interior das sepulturas impede o estabelecimento de qualquer cronologia precisa. Considerando o reaproveitamento de materiais de construções anteriores, a sua relação estratigráfica de contemporaneidade com a Estrutura 2 e a cerâmica recolhida na camada que as selava, pode apenas apontar-se os séculos IX como *terminus post quem* e o XIII como *terminus ante quem*.

2.4. FASE IV (TARDO-MEDIEVAL)

É a fase terminal da ocupação da igreja edificada na fase anterior. Os testemunhos mais significativos são os relativos às alterações dos altares na capela-mor, como já se descreveu. Podemos associar-lhes outros elementos, como sejam o pavimento exterior do lado Este da abside Sul e o enterramento no interior desta (FONTES 1987: 126), ou as alterações na fachada e ocupação da zona exterior da entrada como espaço de enterramento, que descrevemos em seguida.

As Estruturas 2j são reforços da parede da fachada, adossados às Estruturas 1d, constituindo nesta fase verdadeiros contrafortes para sustentação da parede. Com 1 metro de largura, dispõem-se perpendicularmente à fachada apresentando um aspecto de muro compacto, formado por parede de dupla face com aparelho pouco apurado de silhares reaproveitados e miolo de cascalho e argamassa.

Para além do adossamento à fachada, a relação de posteridade está bem evidenciada na sua sobreposição às sepulturas de época anterior, como testemunha o assentamento do contraforte Sul sobre a tampa da sepultura correspondente à Estrutura 12b (Est. XII-1).

Não sendo determinada por qualquer plano arquitectónico inicial, a sua construção deverá ter respondido a eventuais situações de abalo da fachada, num momento cronológico que os dados recolhidos na escavação não permitem definir com exactidão, podendo apontar-se apenas os séculos XIII -XVI como limites temporais entre os quais a obra terá sido realizada. Apenas como mera hipótese, de difícil comprovação, poderão apontar-se os vários terremotos que se registaram nesse período como eventuais causas de rupturas no edificado e consequentes reparações.

As Estruturas 12gl e 2 correspondem a enterramentos tardios. Foram encostados à fachada da igreja entre as Estruturas 1d, ocupando um espaço muito restrito limitado a Oeste pelos arranques dos contrafortes 2j, orientando-se longitudinalmente no sentido Norte-Sul. Neste espaço encontraram-se restos osteológicos correspondentes a dois enterramentos — na metade Norte, profundamente perturbada, vestígios dispersos e muito fragmentados de um indivíduo; na metade Sul, parcialmente remexida, vestígios *in situ* de um outro indivíduo, conservando-se ainda parte da cobertura do enterramento, composta por dois tijolos. Não se encontrou qualquer espólio associável a estes enterramentos.

A Estrutura 12h corresponde também a um enterramento, localizado entre os contrafortes 2j, com orientação Este-Oeste. Colocou-se a descoberto em cerca de metade da sua extensão, prolongando-se a outra metade para o Corte A49 que não foi escavado. Apresentava-se aparentemente intacto, com uma poderosa e bem ajustada cobertura de lajes graníticas que fechavam uma caixa de forma rectangular, com paredes formadas por silhares de granito bem afeiçoados assentes na arena de alteração granítica. O leito da sepultura era constituído por tijolos com 0,25 x 0,38 metros dispostos regularmente em fiada dupla. As dimensões interiores e exteriores da estrutura são, respectivamente, 0,50 x 1,90 x 0,40 e 1,20 x 2,20 x 0,80 metros, incluindo a medida exterior a vala de fundação para assentamento das paredes (a medida do comprimento é estimada).

O interior apresentava-se preenchido com terra, proveniente de infiltrações, até cerca de metade da sua altura, conservando apenas restos osteológicos de dois indivíduos depositados de modo distinto — um na sua posição original, longitudinalmente orientado com os pés para nascente e a cabeça para poente, com vestígios dos fémures, tíbias e perónios *in situ*, e outro encostado ao topo Este da caixa, onde se amontoavam uma calote craniana e fragmentos dos ossos dos membros. Esta disposição dos restos osteológicos testemunha uma reutilização da sepultura, correspondente a uma das duas seguintes situações possíveis: abertura da caixa e colocação dos restos osteológicos de um indivíduo, antes enterrado noutra sítio, aos pés do enterramento já existente — neste caso os restos osteológicos dispostos longitudinalmente corresponderão ao enterramento original, sendo portanto os mais antigos; abertura da caixa, remoção dos restos osteológicos do indivíduo aí enterrado para o fundo da sepultura e colocação de um novo corpo — neste caso os restos osteológicos amontoados no topo Este seriam os mais antigos. Numa situação como noutra, houve a preocupação clara de deixar a sepultura cuidadosamente fechada.

Valas de saque de pedra e profundos remeximentos da estratigrafia marcam o fim desta fase, evidenciando bem o processo sistemático de demolição que antecedeu a reconstrução de uma nova igreja que, fazendo-se embora no mesmo local, obedeceu a um projecto arquitectónico radicalmente distinto.

2.5. FASE V (MODERNO)

Nesta fase incluímos os vestígios relativos à igreja paroquial, ainda sem a recente ampliação que sofreu. Corresponde aos alicerces das paredes da nave e capela-mor do templo identificado como Estrutura 11, desenhando uma planta rectangular orientada E-O no seu eixo longitudinal. O embasamento do arco triunfal, assente nos alicerces da edificação anterior, foi reforçado por um muro que liga os arranques, servindo simultaneamente como degrau de acesso à capela-mor, e cuja implantação na arena granítica provocou profundas perturbações nos estratos subjacentes. A construção deste edifício sobre as ruínas dos anteriores foi mais gravosa na zona da capela-mor do que na nave, pois aí os alicerces coincidiram praticamente com as paredes do edifício da Fase III, que foram desmontadas para implantação das novas paredes. Na zona da nave os danos foram menores já que esta, devido à sua nova planimetria e dimensões, não coincidiu com alinhamentos anteriores. Para além disso, o desnível mais acentuado entre a capela-mor e a nave da edificação anterior obrigou, nesta nova construção, a uma maior profundidade dos alicerces na capela-mor e menor

na nave onde, aliás, praticamente se limitaram a assentar as fundações sobre o resistente pavimento argamassado tipo "*opus signinum*". A única exceção verificou-se no alicerçamento da fachada Oeste, rompendo-se aí o pavimento antigo até à arena de alteração granítica.

Maiores danos causou a implantação do pavimento desta nova igreja (Estrutura 11a), cujo nível de circulação se elevou cerca de 1 metro em relação ao anterior. A estrutura de suporte do pavimento era formada por trinta pilares de granito, para cujo assentamento se abriram seis valas transversais, a toda a largura da nave, rompendo o pavimento antigo até ao solo natural. Sobre estes pilares assentavam guias também de granito, desenhando uma grelha com quarenta e dois rectângulos com 2,00 x 0,75 metros cada um. O pavimento propriamente dito correspondia às tampas dos rectângulos, em madeira (vulgarmente designadas por "taburnos"), assentes nos bordos rebaixados das guias de pedra.

A ocupação deste edifício apareceu testemunhada pelos inúmeros enterramentos encontrados na nave, evidenciando-se bem a função funerária a que obedeceu a concepção do pavimento (Est. XIII-1). De facto, os enterramentos distribuíam-se uniformemente pelos rectângulos formados pelas guias do pavimento, fazendo-se a deposição das urnas através da remoção dos "taburnos". Em alguns pontos chegou a danificar-se o pavimento altomedieval soterrado, particularmente na zona onde se desenvolvia o patamar do primeiro degrau de acesso à capela-mor (cortes A41 e A57), completamente destruído por quatro enterramentos. Estes estenderam-se também à zona da capela-mor, onde se identificaram três sepulturas: as urnas (caixões de madeira) foram depositadas no fundo de covas rectangulares abertas no solo, destruindo o pavimento argamassado da Fase III numa extensão considerável, incluindo a quase totalidade dos encaixes do altar central (Estruturas 2f e 2g).

A maior parte dos enterramentos apresentava vestígios dos caixões de madeira e restos osteológicos, tudo em muito mau estado de conservação devido a revolvimentos, à sobreposição de sepulturas e ainda à excessiva humidade do solo. Na zona da capela-mor, com melhor drenagem, foi possível conservar *in situ* o esqueleto quase completo de um indivíduo e deixar intacto (sem escavar) um caixão (cortes A42 e A58).

Já neste século desmontaram-se parcialmente as paredes laterais no topo da nave, junto ao arco triunfal, para colocação de dois altares laterais com retábulos de madeira, assentes em dois muretes que se construíram para esse efeito sob o pavimento. No decurso das escavações arqueológicas estes muretes foram desmontados, o que possibilitou a identificação da articulação das absides laterais com a abside Este da primitiva igreja. A pavimentação foi também substituída, refazendo-se toda a estrutura de suporte, que ficou apenas com três alinhamentos longitudinais de guias, agora recobertas totalmente com soalho de pinho (era este o pavimento que existia na nave no início dos trabalhos arqueológicos). A zona da capela-mor apresentava um pavimento de cimento sobre enchimento de cascalho e calhaus de granito, elevando-se em plinto ou plataforma no topo Este, encostando à parede da cabeceira. Um retábulo em talha dourada, recuperado por iniciativa da Comissão de Obras da Igreja de Dume, enquadrava o altar centrado sobre a plataforma - plinto¹⁶.

¹⁶ Em 1994, menos de um ano depois de concluídas as obras de restauro e ampliação, um curto circuito provocou um incêndio que destruiu todo o recheio da capela-mor, incluindo o retábulo do altar.

As camadas associadas a esta fase, particularmente os enchimentos dos caixões, ofereceram inúmero espólio, predominando os rosários, medalhas e moedas. O espólio cerâmico é menos frequente, revelando características comuns às produções modernas.

2.6. FASE VI (CONTEMPORÂNEO)

A esta fase correspondem as modificações recentes da igreja, resultantes de um projecto local de restauro e ampliação, cujas obras decorreram entre 1988 e 1993. Após a demolição das paredes laterais da capela-mor, criou-se uma espécie de transepto com o prolongamento do edifício para Norte e para Sul, destinando-se esse espaço à prática litúrgica. O aumento para Este da cabeceira, cuja parede setecentista se conservou, destinou-se a instalações de apoio ao serviço religioso, incluindo lavabos.

A incidência destas obras sobre os vestígios arqueológicos foram, felizmente, mínimos, e resultaram da abertura de caboucos para implantação de pilares de betão armado, destinados a suportar a nova cobertura abobadada da igreja. Em concreto, foram destruídas pequenas áreas de pavimento em A42 e A58, em zonas não fundamentais para a compreensão dos vestígios arqueológicos, aliás já parcialmente destruídos pelos alicerces da edificação dos séculos XVII-XVIII. A Sul foram destruídas também pequenas áreas do pavimento da abside Sul, apoiando-se o canto SO do novo transepto sobre o contraforte Este (Estrutura 2a). Os restos de canalização identificados no corte A95 ficaram agora no interior do novo templo, tendo sido entulhados e selados com enchimentos de cascalho e cimento (Est. II).

Indesejáveis, mas dificilmente evitáveis, pelas próprias vicissitudes que o processo de salvamento arqueológico e projecto de obras conheceram, julgamos que estas perturbações não revestem a gravidade que chegou a temer-se, quer porque se garantiu o registo prévio dos vestígios, quer porque incidiu em zonas marginais do edifício. No fim de tudo, a atitude mais positiva acabou por ser assumida pelos responsáveis da Comissão de Obras, aceitando elevar o pavimento da igreja cerca de 1 metro, garantindo assim para o futuro a possibilidade de aproveitar museologicamente as ruínas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do conjunto dos dados fornecidos por estas duas campanhas de escavações importa relevar, para além do facto de se terem atingido os objectivos inicialmente propostos, quatro aspectos principais: a planimetria do edifício religioso primitivo; a sequência estratigráfica; o uso funerário dos espaços e o potencial aproveitamento museológico das ruínas.

O templo original, correspondente ao definido na Fase II, apresenta uma planta de uma só nave e cabeceira trilobada, inscrevendo-se no modelo de igrejas tipicamente orientais que, a partir do início do século VI e até ao VIII, se expandiu pelo Ocidente Europeu (FONTES 1987: 162; 1992: 234). As suas dimensões e organização espacial indicam tratar-se de um edifício funcionalmente organizado para contemplar a prática eucarística, salientando-se a clara separação estabelecida entre a nave e a cabeceira trilobada, podendo mesmo falar-se na existência de

um proto-transepto, considerando a separação também existente entre a quadra central e a capela-mor, definida por degraus e provável cancel¹⁷.

A nítida distinção entre as várias partes do edifício, seguramente resultantes de uma diferenciação funcional, parece enquadrar-se no modelo de culto cristão desenvolvido na Península Ibérica nos séculos VI e VII, a partir dos inúmeros mosteiros que então se fundaram (CABALLERO ZOREDA *et al* 1982; CABALLERO ZOREDA 1987). Em Dume estaremos, assim, perante uma basílica monástica. O conjunto monacal, hipótese que se nos figura mais provável do que um conjunto episcopal, integraria, para além do templo, o mosteiro, um baptistério(?) e uma ou mais capelas martiriais (existem fortes indícios de uma construção deste tipo numa pequena elevação a cerca de 100 m para NE da igreja, numa implantação muito semelhante à da capela de S. Frutuoso de Montélios)¹⁸.

Sobre o edifício da Fase III julgamos dever destacar, desde logo, a definição da funcionalidade de várias estruturas proporcionada pelo registo arqueológico, algumas delas pela primeira vez identificadas em estações arqueológicas nacionais, constituindo simultaneamente um alerta para o cuidado e atenção que devem revestir as escavações arqueológicas em edifícios de culto, sobre os quais se constata existir, afinal, um grande desconhecimento. Os altares, degraus, estrutura baptismal(?) e fossa de modelagem-fundição de sinos, para além da sua especificidade funcional forneceram, pela sua localização no templo, pistas preciosas para a compreensão da organização do espaço religioso. Testemunham ainda, apesar da manutenção do desenho planimétrico do edifício, na mesma com uma só nave e cabeceira trilobada mas de maiores dimensões, uma radical alteração do espaço interior. De facto, a anulação da passagem em tripla arcatura da nave ao transepto, a hipotética inclusão de uma estrutura baptismal no canto NO da quadra central e a ampliação do espaço útil conseguida com o aumento do perímetro do edifício conferiram-lhe uma dimensão diferente, interiormente mais ampla e aberta.

Em contraste com o primitivo templo, de dimensões relativamente reduzidas e que parece adequar-se mais a uma utilização restrita, como seria a da comunidade monástica e corte régia, este da Fase III, com dimensões significativamente maiores, parece responder a uma necessidade de facilitar o culto a um maior número de fiéis, justificando-se sobretudo como igreja paroquial. Entendemos que esta alteração da organização do espaço interior da igreja resulta mais do desenvolvimento do próprio sistema organizacional e administrativo da Igreja, com a afirmação das paróquias como célula de base de todo o sistema, do que da alteração dos rituais litúrgicos, pois aceitamos que neste templo ainda se pudesse ter aplicado o Rito Hispânico, que só foi substituído pelo Rito Romano a partir de finais do século XI¹⁹.

¹⁷ A propósito das questões de interpretação da funcionalidade litúrgica dos distintos espaços dos primeiros edifícios de culto cristão, em especial para a Península Ibérica, ver Cristina GODOY FERNÁNDEZ (1989, 355-387) e Miquel S. GROS (1982, 147-167).

¹⁸ Esta hipótese em nada contraria a sugestiva proposta avançada por Justino Maciel, segundo o qual a basílica de Dume terá inicialmente "funcionado como capela palatina, onde o rei e a corte iam orar, estando próximo o *palatium*" (MACIEL 1995: 128 e sgs.).

¹⁹ Nesta linha de pensamento poderia pensar-se que a demolição do cibório (Estrutura 2e) poderia ter algo a ver com a adopção do Rito Romano na diocese de Braga no tempo do bispo S. Geraldo, senão já antes com o bispo D. Pedro. Ver nota (15).

A técnica construtiva aplicada no novo templo, mais do que indiciar a existência de um estilo denuncia exactamente o contrário — a ausência de qualquer estilo. O aparelho fruste e irregular, reaproveitando com abundância elementos de construções anteriores, foi uma solução adoptada desde o Baixo-Império em toda a Península Ibérica. O edifício da Fase III de Dume é, por isso e pelo facto de ter mantido a mesma planta, uma solução local, elementar. Pensamos que este carácter local, estendido ao nível da iniciativa da reconstrução, justificaria que aqui se tenha perpetuado o modelo clássico original e não se tenha adoptado um modelo novo, como o românico, que nos finais do século XI já tinha penetrado na região de Braga (FONTES 1992: 240).

No que concerne à estratigrafia, foi possível confirmar a sequência estabelecida nas escavações anteriores, efectuando-se decapagens naturais das várias camadas, o que permitiu isolar com rigor os diversos níveis de construção, ocupação e abandono. A sondagem feita no interior da nave, próximo do local onde se abria a porta principal do templo (Corte A51), revelou-se particularmente frutuosa, identificando-se aí estratigrafia correspondente às fases de ocupação desde a época romana até à reedificação dos séculos XVII-XVIII (Est. II-2b).

Finalmente, e no que respeita ao uso funerário dos espaços, os vestígios de enterramentos encontrados possibilitam tirar algumas conclusões importantes, a primeira das quais é sem dúvida a de que não se enterrou no interior da igreja antes do século XVI. Efectivamente, os enterramentos de períodos anteriores localizam-se todos fora do templo — os da época da Reconquista distribuindo-se pelo adro até encostar às paredes do edifício, e os anteriores a estes, portanto de época suevo-visigótica, eventualmente também no adro ou então noutra local, ainda não identificado, mas provavelmente próximo porque os enterramentos medievais reaproveitam elementos das sepulturas desse período. Aparentemente ter-se-ão cumprido, aqui em Dume, as determinações do Concílio II de Braga, ano de 572, que proibiam os enterramentos no interior dos templos. Esta prática terá perdurado até aos séculos XVI-XVII, período de que datarão os enterramentos na capela-mor e na abside Sul, rompendo-se definitivamente com a reedificação do século XVIII, cujo pavimento da nave se constrói objectivamente para uso funerário.

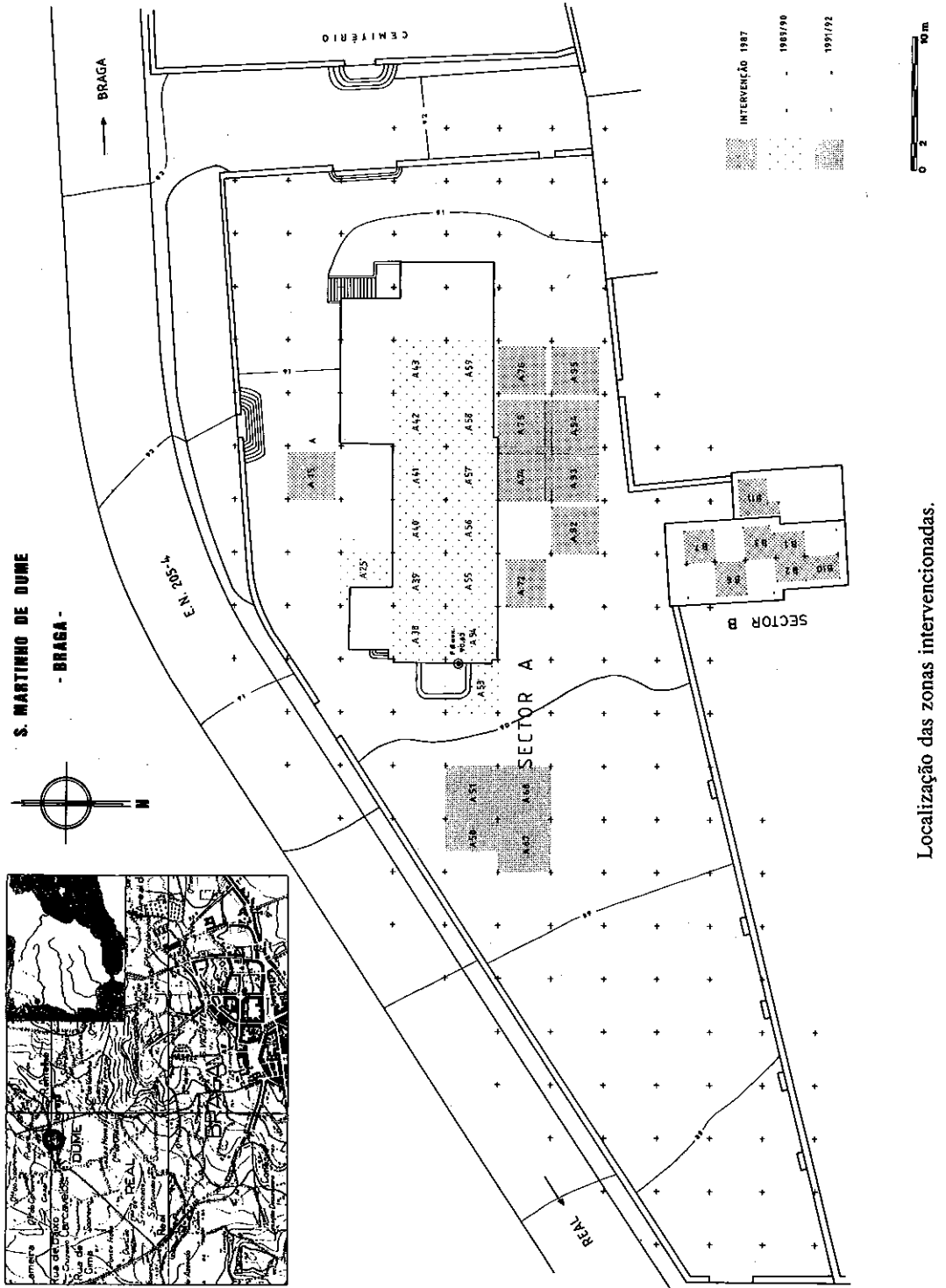
Concluindo, consideramos que as expectativas colocadas no início do salvamento arqueológico foram confirmadas e mesmo largamente ultrapassadas. As ruínas de Dume revestem uma importância e significado científico e cultural extraordinários, assumindo particular destaque a descoberta da igreja sueva, a mesma que S. Martinho terá sagrado como sede do bispado de Dume. Hoje, a renovada igreja paroquial de Dume detém um valor cultural acrescentado, pois alberga no seu subsolo, em condições de aproveitamento museológico, os testemunhos materiais que suportam a memória da sacralidade do lugar desde os tempos remotos da cristianização do NO peninsular. Classificadas como Monumento Nacional desde 30 de Novembro de 1993 (Decreto nº 45/93, de 30-11-1993), as ruínas arqueológicas de Dume aguardam que as instituições responsáveis dinamizem um projecto para o seu tratamento e aproveitamento tendo em vista a sua fruição pelo público.

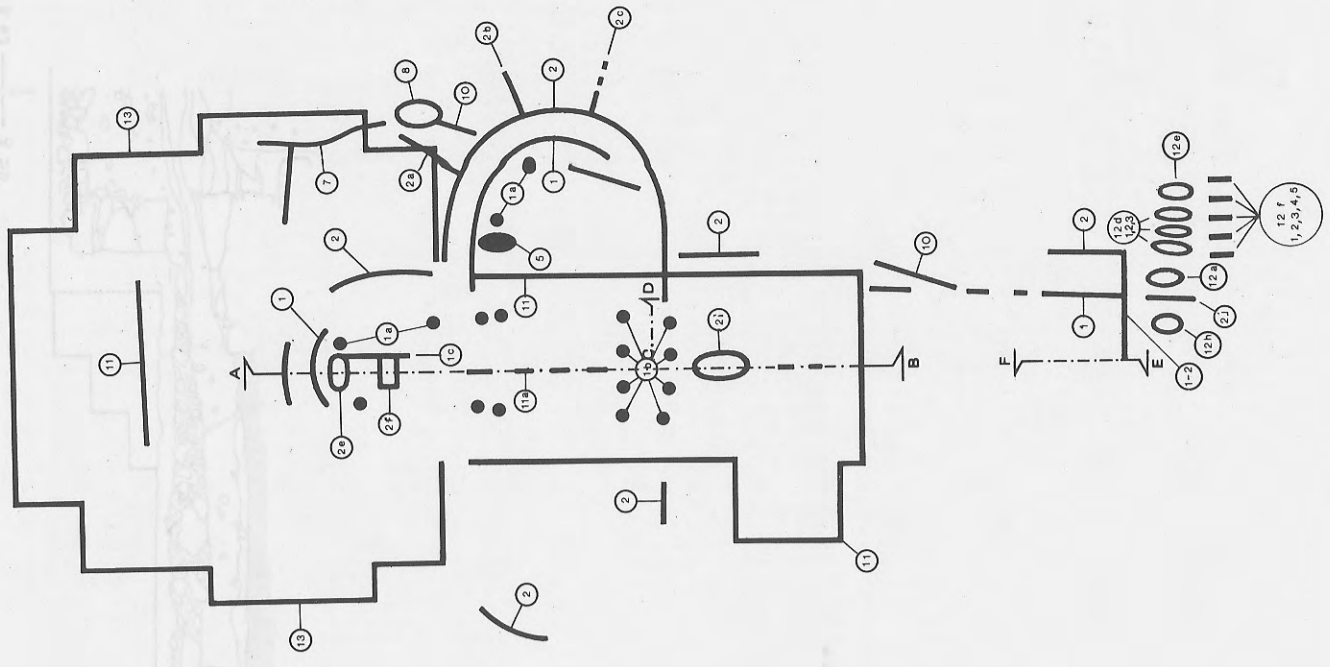
BIBLIOGRAFIA

- ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1974). *Mosaicos Romanos de Hispania Citerior, III, Conventus Bracarenis*, Santiago de Compostela.
- ALARCÃO, Jorge de (1986). *História da Arte em Portugal*, 1, Lisboa.

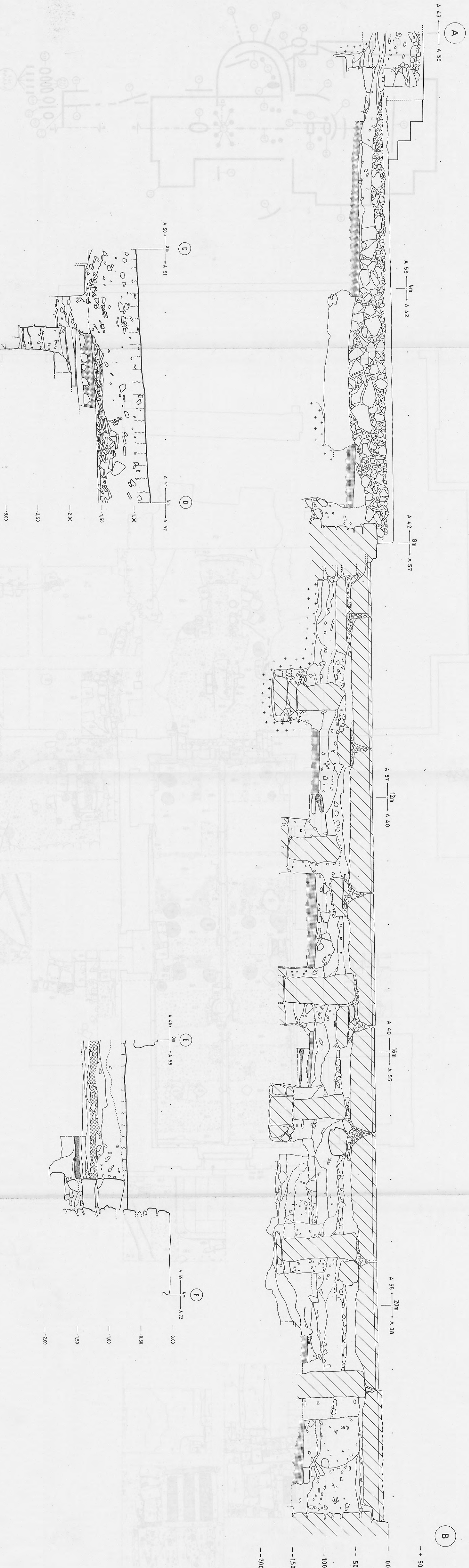
- ALMEIDA, Fernando de (1962). Arte Visigótica em Portugal, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, IV, Lisboa.
- ALMEIDA, Carlos A. F. de (1986). *História da Arte em Portugal*, 2, Lisboa.
- BARROCA, Mário J. (1990). Contribuição para o Estudo dos Testemunhos Pré-Românicos de Entre-Douro-e-Minho, *Actas Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, I, Braga, pp. 101-145.
- CABALLERO ZOREDA, Luis Caballero & José Ignacio Latorre Macarrón (1982). Santa Maria de Melque y la Arquitectura visigoda, *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica* (Montserrat, 1978), Barcelona, pp. 303-331.
- CABALLERO ZOREDA, Luis Caballero (1987). Hacia una propuesta tipológica de los elementos de la arquitectura de culto cristiano de época visigoda, *Arqueologia Medieval Española (II Congreso)*, I: Ponências, Madrid.
- CRUZ VILLALÓN, Maria Cruz (1985). *Merida Visigoda: La escultura arquitectónica y litúrgica*, Badajoz.
- FERREIRA, José A. (1928). *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, I, Braga.
- FONTES, Luís F. O. (1987). Salvamento Arqueológico de Dume: 1987. Primeiros Resultados, *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, 4, Braga, pp. 113-148.
- FONTES, Luís F.O. (1990). Escavações arqueológicas na antiga igreja de Dume. Notícia preliminar da campanha de 1989, *Actas Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, I, Braga, pp. 147-169.
- FONTES, Luís F.O. (1992). O Norte de Portugal no Período Suevo-Visigótico, *Actas XXXIX Corso Di Cultura Sull'Arte Ravennate e Bizantina*, Ravenna, pp. 217-248.
- FONTES, Luís F. O. & Alexandra L. Gaspar (1995). As cerâmicas da região de Braga na transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média, *Actas VI Congrès International sur la Cèramique Médiévale en Méditerranée*, Aix-en-Provence, (no prelo).
- GODOY FERNANDEZ, C. (1989). Arquitectura cristiana y liturgia: reflexiones en torno a la interpretación funcional de los espacios, *Espacio, Tiempo y Forma*, série I, 2, (Prehistoria), Madrid, pp. 355-38.
- GROS, M. S. (1982). Utilizació arqueològica de la litúrgia hispana. Possibilitats i limits, *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica* (Montserrat 1978), Barcelos, pp. 147-167.
- LE MAHO, Jacques (1990). La Cathédrale Primitive de Rouen, *Les Dossiers d'Archéologie*, 144, Dijon.
- LORENZO ARIAS (1993). *PreRomânico Asturiano*, Gijón.
- MACIEL, M. Justino (1995). A Arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711), *História da Arte Portuguesa*, I, (dir. de Paulo Pereira), Lisboa, pp. 103-149.
- OLEIRO, José M. Bairrão (1986). Mosaico Romano, *História da Arte em Portugal*, I, (Coord. de Jorge Alarcão), Lisboa, pp. 111-127.
- SILVA, Manuel Silva (1919). *Dume e o seu Primeiro Bispo*, Póvoa de Varzim.
- VAZ, Ferrano & Javier Salgado (1987). *Livro das Moedas de Portugal*, Braga.

Est. I

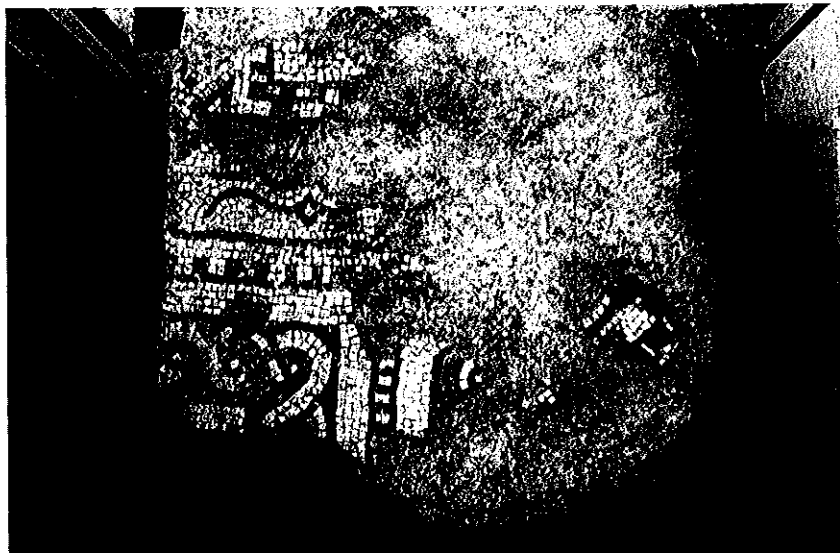




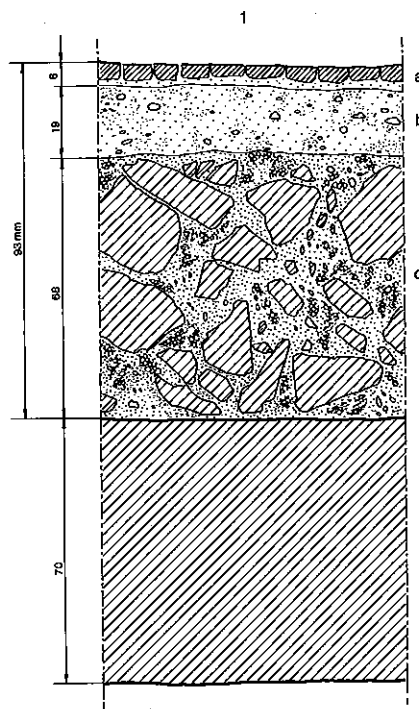
1. Planta geral das estruturas detectadas (Escala 1:50), com esquema identificativo.



2. Leituras estratigráficas principais: a) corte longitudinal abrangendo todo o comprimento do primitivo templo; b) corte transversal parcial em A51; c) corte transversal parcial em A55.



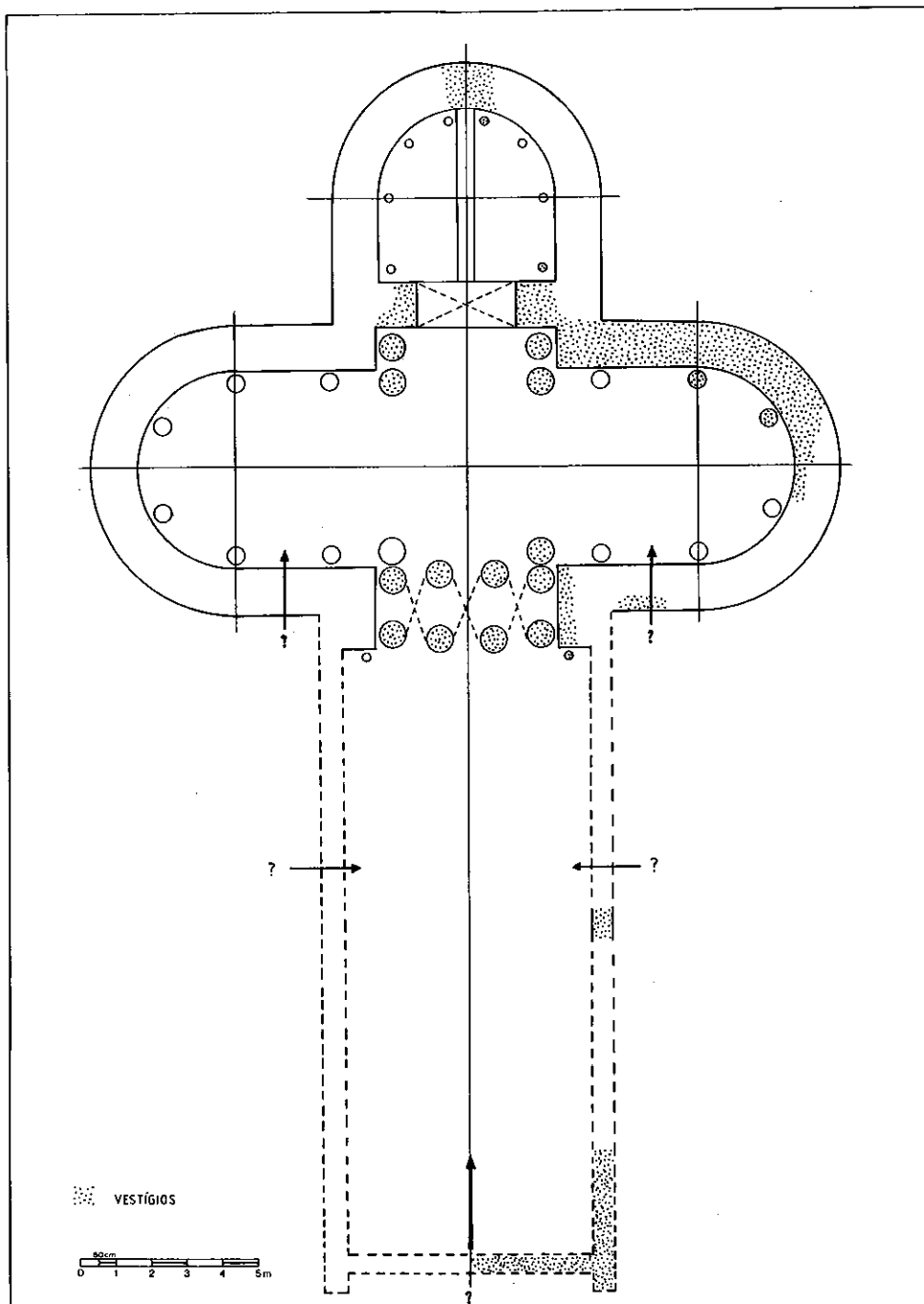
1.



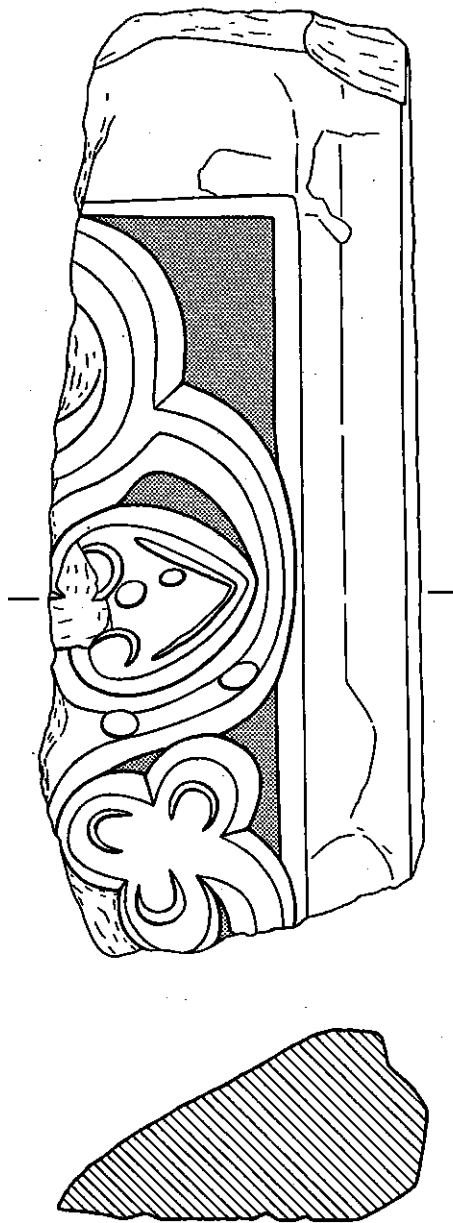
2.

Fragmento de mosaico romano recolhido no corte A50, onde integrava uma sepultura (Estrutura 12c):

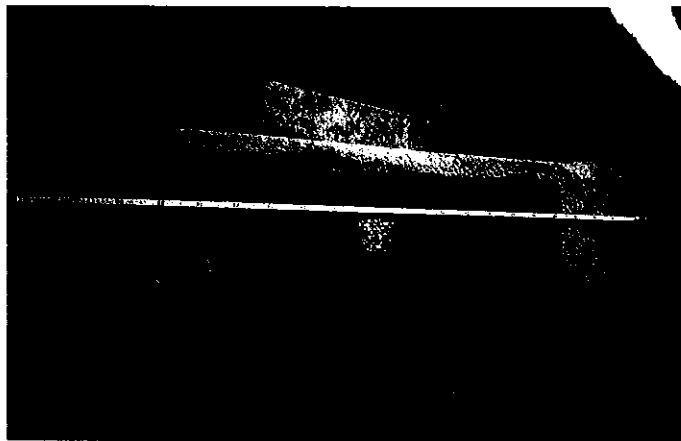
1. pormenor da decoração; 2. pormenor da secção ilustrando técnica construtiva
(desenho de Filipe Antunes/MRADDS).



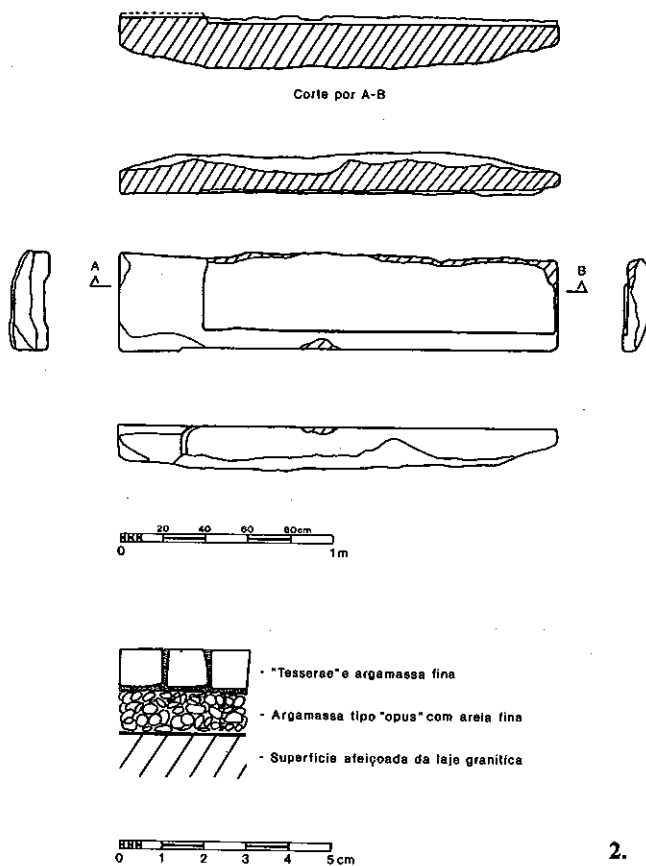
Proposta de reconstituição da planta da igreja sueva (Fase II).



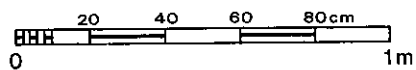
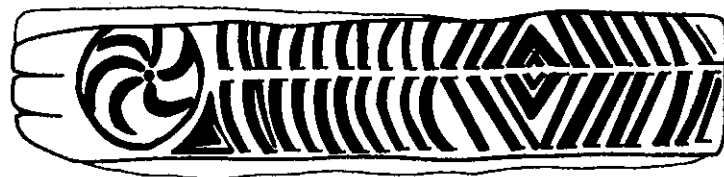
Fragmento de cancel, recolhido em 1987 no corte A93.



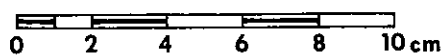
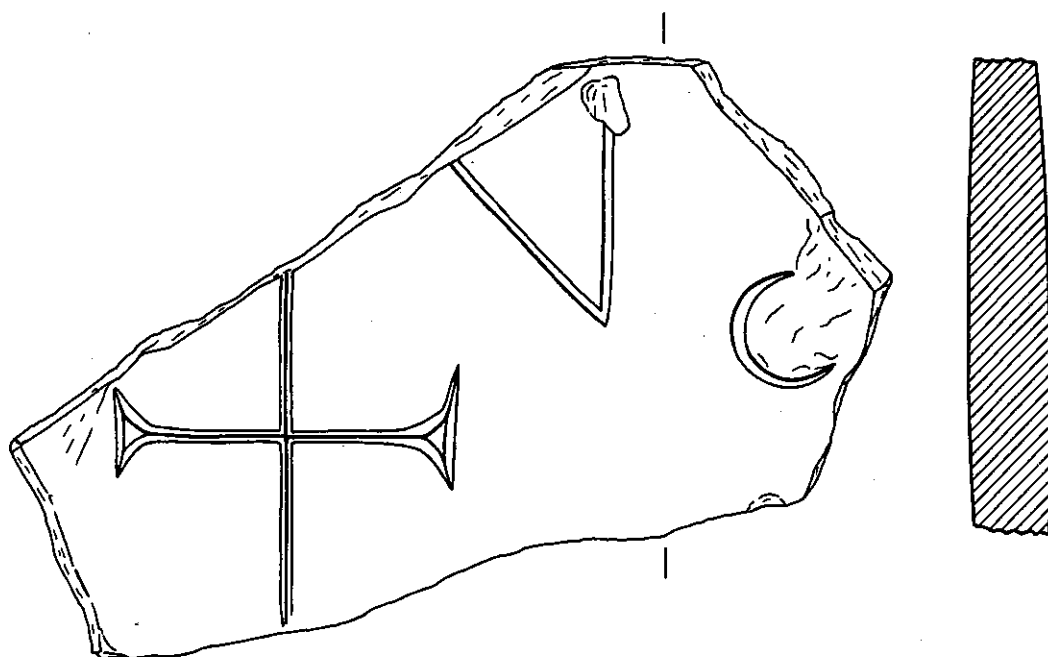
1.



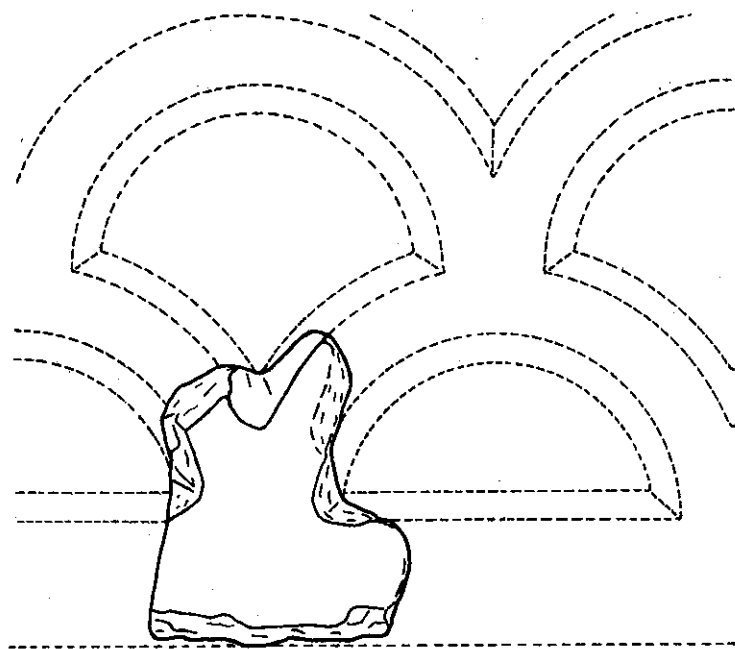
Tampa sepulcral com mosaico: 1. pormenor da face anterior; 2. secções longitudinal e transversais.



1. Imposta de granito com motivos em espinha e roseta.

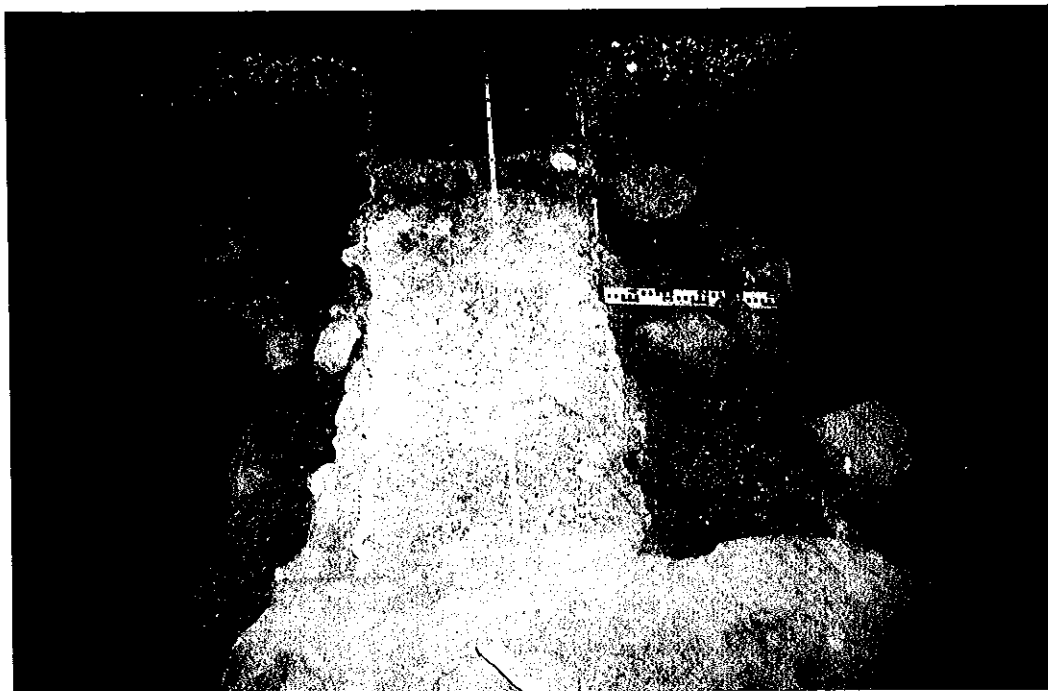


2. Fragmento de placa de calcário epigrafada.

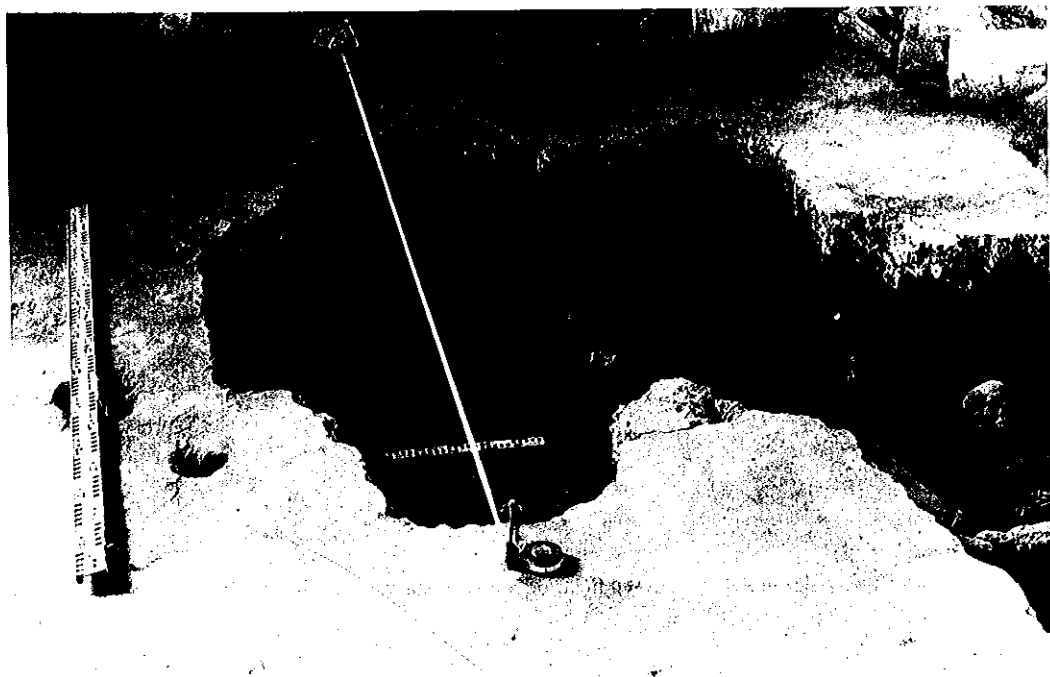


0 2 4 6 8 10 cm

Fragmento de grelha de gelosia.



1. Vista do topo da cabeceira da igreja com as colunas do cibório (?) *in situ*.

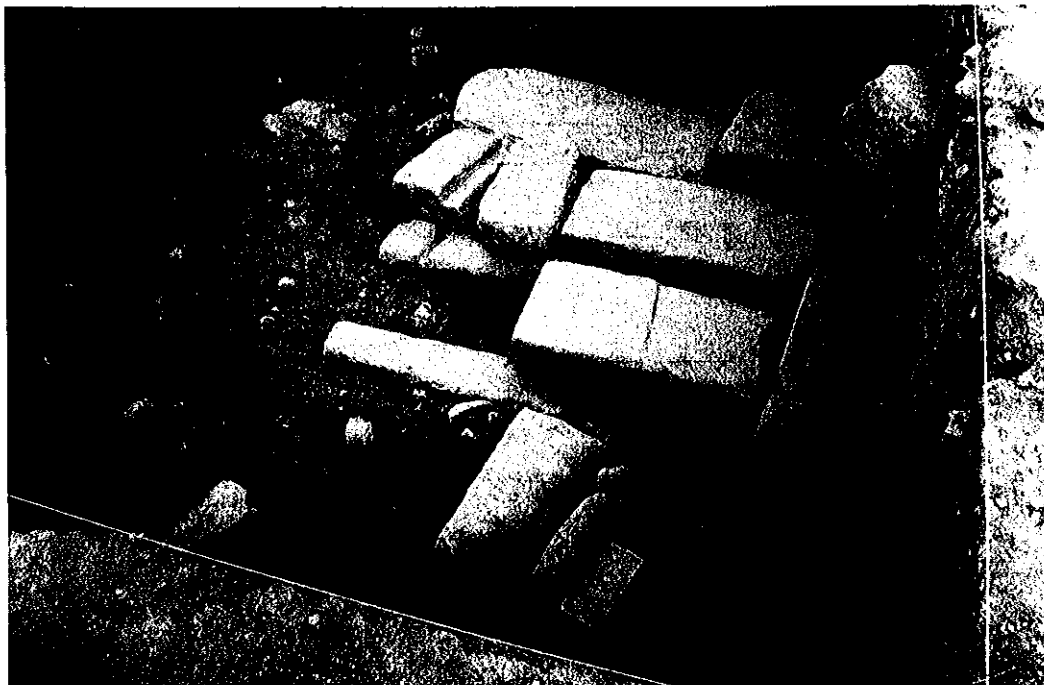


2. Vista da zona central da capela-mor, distinguindo-se os encaixes dos altares e os enterramentos modernos que romperam o pavimento altomedieval.

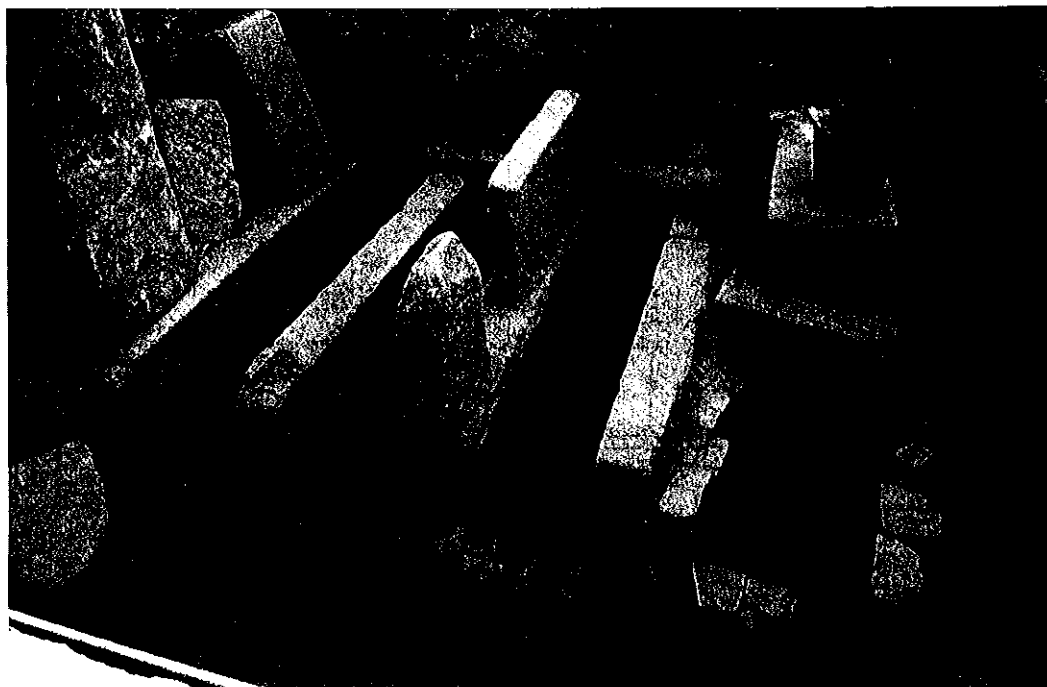
Est. X



Fossa de modelagem e fundição de sinos: vista vertical da estrutura;

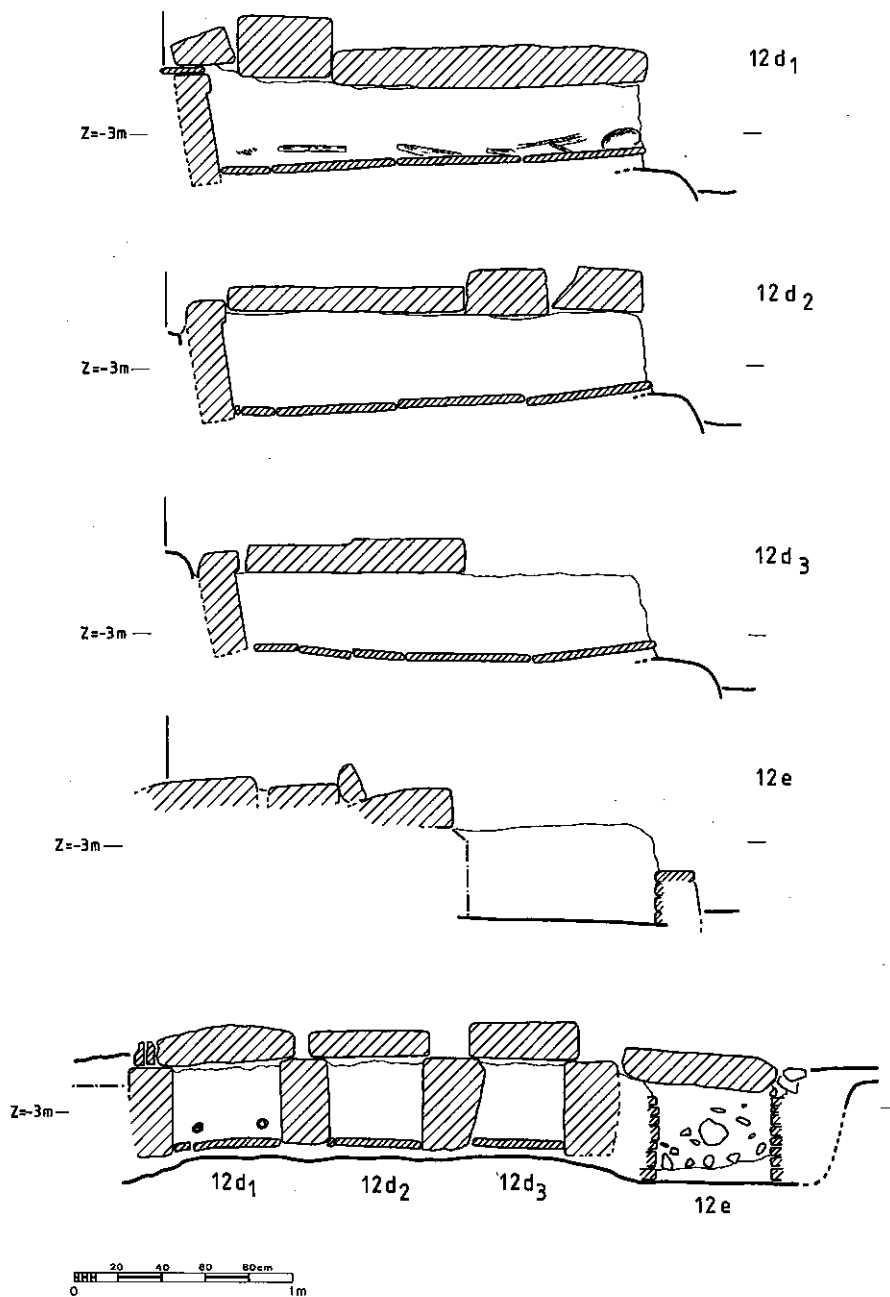


1. Fase da escavação em que apareceram as coberturas das sepulturas;



2. Aspecto geral das sepulturas em fase terminal de escavação.

Est. XII



Secções das sepulturas dos grupos 1 e 2.



1. Pormenor da sobreposição de estruturas junto à fachada (contraforte sobre enterramento). Notar à esquerda o tijolo com mosaico romano reaproveitado na cobertura de uma sepultura.



2. Sepultura tardo medieval. Pormenor da parte escavada.



Vista do interior da igreja antes das escavações arqueológicas.